

MOREIRA, Carlos O. F. Entre o indivíduo e a sociedade: um estudo da filosofia da educação de John Dewey. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Susanne Dorothea Walker*

Em muitas ocasiões, interessamo-nos pela leitura de uma obra por causa de seu título. No caso do livro de Carlos Moreira, há um universo temático ali presente que aguça nossa curiosidade: a relação traçada por John Dewey (1859-1952), expoente do pragmatismo norte-americano, entre indivíduo e sociedade no campo educacional. “Pragmático”, na acepção corrente, sugere a satisfação imediata de necessidades e desejos individuais por meio de um cálculo mental, sem levar em conta princípios teóricos ou morais. Nesse contexto, como entender, portanto, a relevância da temática social na obra de alguém que aparentemente não a conceberia como elemento relacional importante na constituição da subjetividade?

O livro de Carlos Moreira não só refuta a tese de que a influência social é relegada por Dewey a um segundo plano, como também desautoriza a aproximação feita por Luiz Antônio Cunha¹ entre o ideário pragmatista e o projeto educacional vigente no regime militar a partir de 1964. Para tanto, o autor esclarece em detalhes a essência do pensamento educacional de Dewey quando este esteve à frente do Departamento de Filosofia da recém-fundada Universidade de Chicago (1894-1904), na qual encontrou liberdade intelectual, recursos financeiros, cooperação interdepartamental e uma valorização da pesquisa empírica, decorrente da crença de que todo conhecimento tem uma natureza prática.

Em seu intento de apresentar com o máximo de objetividade os resultados de sua pesquisa, Moreira escreveu um livro que prima pela clareza e pelo didatismo. Talvez o objetivo de dirimir quaisquer ambigüidades faça com que determinados trechos soem repetitivos para o leitor familiarizado com o tema. No entanto, esse recurso é essencial para os que conheceram Dewey

* Professora do Colégio Bom Jesus, Curitiba (PR). Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna. Mestranda em Educação na Universidade Federal do Paraná. susiwalker@uol.com.br

¹ CUNHA, Luiz Antônio. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

pela via indireta, prática metodológica comum nos cursos de Pedagogia no Brasil dos anos 80 e 90. Raras vezes suas obras, como *The School and Society* (1899), *How we think* (1910) ou *Democracy and Education* (1916) – para enumerar apenas as que serviram de base para a interpretação de Moreira –, foram lidas com o necessário aprofundamento. Quando muito as disciplinas de Filosofia, Sociologia ou História da Educação apresentavam breves pinceladas do pragmatismo e de seus representantes em meio à desencarnada visão panorâmica dos cânones do pensamento educacional.

Percebe-se que essa “apropriação” reducionista do pragmatismo constituiu um estímulo importante para *Entre o indivíduo e a sociedade*, originalmente uma tese de doutorado. O estímulo principal, entretanto, Moreira credita à leitura que tem feito de Anísio Teixeira (1900-1971). O educador baiano, aluno de Dewey no final dos anos 20, foi tradutor para o português de boa parte de sua obra. De fato, é claro o vínculo que há entre o pensamento de ambos, fruto de uma relação dialética entre experiências socioculturais diversas, isto é, de uma “afinidade eletiva”².

Apesar de a referência direta a Anísio, ao longo do livro resenhado, ser pouco relevante, há diversas outras interlocuções que aparecem de forma massiva. Como o próprio autor esclarece na Introdução, o diálogo com pensadores como Emile Durkheim, Hans Joas, Norbert Elias e Pierre Bourdieu perpassa o texto, já que todos se dedicaram à reflexão sobre as condições de formação da cognição. A escolha de tais interlocutores revelou-se acertada, uma vez que o próprio Dewey foi um dos responsáveis pela introdução da perspectiva sociológica na educação. Aliás, tamanha era a preocupação com o tema que não aceitaria ser cunhado de “filósofo social”: para ele, toda filosofia é essencialmente social. A tal ponto acreditava nisso que sua “teoria social da mente” representou uma das discórdias com a tradição filosófica européia, com a qual travou um embate irreconciliável³.

É preciso, agora, contextualizar sucintamente o surgimento dessa filo-

² Segundo Michael Löwy, que cunhou sociologicamente tal conceito, “trata-se, a partir de uma certa analogia estrutural, de um movimento de convergência, de atração recíproca, de confluência ativa, de combinação capaz de chegar até a fusão”. (CHAVES, M. W. A afinidade eletiva entre Anísio Teixeira e John Dewey. *Revista Brasileira de Educação*, n. 11, 1999).

³ Sobre o diálogo filosófico travado entre John Dewey e a tradição do pensamento europeu, especificamente o racionalismo kantiano, a escola empirista de Locke, Berkeley e Hume e o idealismo alemão de Hegel, ver VIEIRA, C. E. A filosofia como guia das ações inteligentes: uma introdução à teoria do conhecimento de John Dewey. *Educativa*, Universidade Católica de Goiás, v. 2, n. 2, 1999.

sofia interessada por problemas associados ao cotidiano, como o fez Moreira no primeiro capítulo, para que se entendam determinados desdobramentos na formação intelectual de Dewey: a América do Norte passava por grandes transformações sociais originadas pela rápida onda de urbanização, industrialização e expansão capitalista posterior à Guerra Civil. Para estabelecer essas relações, o autor explica ter se baseado na tese de doutorado *Sociologia e Pragmatismo* de C. Wright Mills sobre o processo de profissionalização da filosofia na sociedade norte-americana e na biografia editada pela filha, Jane M. Dewey, ambos textos de respeitabilidade no contexto norte-americano. Antes de lançar-se à empreitada, ele ressalva que o mapa traçado deve ser entendido como provisório e sujeito a questionamentos. De fato, tal tarefa é arriscada, principalmente quando se trata de um contexto estranho à vivência do pesquisador. Nesse caso, é comum se tornar refém de determinados intérpretes, apesar de todo o cuidado tomado quanto à verificação do peso probatório de cada fonte.

No segundo capítulo, Moreira continua a seguir uma linha de pesquisa historiográfica, debruçando-se sobre a Escola Laboratório organizada por Dewey em 1896, cujo objetivo era o de testar e avaliar hipóteses levantadas pelo departamento do qual estava à frente. No capítulo, não há a tentativa de reconstrução detalhada de seu funcionamento, pois o foco é o resgate das experiências e análises que tenham relação direta com o tema central do livro. O autor ressalta que, a despeito das dificuldades enfrentadas pela Escola, o objetivo de dar à criança a possibilidade e um método para fazer coisas de seu interesse, por meio de uma orientação que valorize o significado social das ações, manteve-se ao longo de seu funcionamento.

A escola seria, segundo Moreira, “uma espécie de introdução à vida social, onde os alunos seriam impregnados de espírito de cooperação ao mesmo tempo em que desenvolviam uma efetiva autodireção”, ou seja, a experiência pedagógica fundamentava-se no princípio de que o aprendizado é uma experiência social e, para tanto, não era possível diferenciar a aquisição do conhecimento de sua aplicação. O ensino deveria relacionar o conteúdo à vida, à memória e à história da criança. Deveríamos partir da experiência, que sempre apresenta questões a serem resolvidas, para reconstruí-la, analisando os fatos e princípios envolvidos. Além disso, Moreira aponta para uma questão bastante complexa: a do ensino de valores sociais. Para Dewey, não se trata de ensinar intelectualmente o que deve ser valorizado na sociedade, mas deve-se propiciar ao aluno experiências nas quais e a partir das quais possa refletir sobre questões de valor.

Enquanto os dois capítulos iniciais ocuparam-se na reconstrução do

contexto para a partir dele entender melhor a tese central, os dois últimos trazem pouca densidade historiográfica e exploram analiticamente diversos conceitos caros à pesquisa de Dewey, tais como socialização, hábito, jogo, linguagem, ciência e democracia. No terceiro capítulo, por exemplo, Moreira nos mostra como a formação de hábitos – disposições intelectuais, morais e estéticas – na escola se tornou uma relação intensamente estudada por Dewey. Tal aspecto vale ser ressaltado, pois além de Bourdieu e outros sociólogos terem desenvolvido reflexões que de certa forma resgatam esses estudos, a noção de hábito, no uso corrente, sugere uma rotina mecânica e inflexível ou, no plano escolar, o treino de faculdades e a assimilação de conteúdos, algo mais próximo do adestramento do que do ensino.

Para o filósofo norte-americano, entretanto, o hábito é a capacidade do uso ativo das condições existentes com o objetivo de se alcançarem objetivos, constituindo-se assim como modo dinâmico de observar, refletir e lidar com a experiência provocada pela interação social. O elemento intelectual de um hábito, a reflexão, confere plasticidade a ele, isto é, garante a possibilidade de aperfeiçoamento contínuo. Dessa forma, tanto o meio social quanto os impulsos biológicos não determinam o indivíduo de modo categórico, dado que este conta com a inteligência para aprender da experiência, ou seja, para fazer associações retrospectivas ou prospectivas que resultam no aperfeiçoamento de seus hábitos.

Também o entendimento de Dewey do conceito de democracia, explanado no quarto capítulo, merece ser comentado, uma vez que ajuda a desfazer a imagem de um pensador elitista, preocupado essencialmente com a educação de seus pares sociais e com a defesa do capitalismo. O pensador defendia o pluralismo cultural e a importância de a escola ensinar o respeito à diversidade e acolher os mais diversos grupos sociais. Moreira ressalta a importância do “ideal democrático” para Dewey: o reconhecimento de interesses recíprocos, a cooperação entre os grupos por meio do envolvimento em atividades com significados e valores sociais e a mudança de hábitos para contemplar as novas relações que se criam continuamente caracterizariam uma sociedade democrática. À escola cabe o papel fundamental de se organizar como uma “comunidade embrionária” e servir assim de instrumento para uma socialização democrática.

Nas considerações finais, Moreira retoma de modo sintético a operação intelectual empreendida por ele ao longo do livro para confirmar sua hipótese de que, no pensamento de Dewey, “a relação (entre indivíduo e sociedade) é bem mais complexa e matizada do que uma simples oposição de linhagem maniqueísta” e, com isso, advogar com pertinência a favor da revisão de in-

terpretações equivocadas inclusive no que se refere à influência de Dewey no movimento da *Escola Nova* de Anísio Teixeira.

Por fim, o autor complementa seu texto com a publicação de dois anexos. O primeiro, baseado na leitura do ensaio de Hans Joas, *Symbolic Interactionism*, tenta estabelecer em que medida há uma relação entre o pragmatismo e a Escola de Chicago, corrente que lançou as bases do pensamento sociológico nos EUA. Já o segundo traça um paralelo sucinto entre Norbert Elias e Dewey. Para tanto, o autor se explica por meio da justificativa de que o texto *A sociedade dos indivíduos*, do sociólogo judeu-alemão, serviu de “mapa” de suas leituras para o desenvolvimento da pesquisa ora apresentada.

Após a leitura do primeiro anexo, há uma única ressalva a ser feita: chama a atenção o fato de Moreira explicar, no início do livro, que apenas a partir de 1990 surgiram “interpretações mais matizadas do significado da *escola nova*”, mas não estabelecer com mais precisão as diferentes matizes do próprio pragmatismo. Conforme OUTHWAITE et al.⁴, “o pragmatismo não era uma coisa única. Os textos de Pierce, James, Mead e Dewey talvez sejam tão diferentes quanto semelhantes.” As observações feitas ainda na introdução de que Dewey preferia o termo “instrumentalismo” e de que o pragmatismo não é uma escola de pensamento, mas uma visão de mundo, não foram aprofundadas. Também as menções aos outros representantes dessa corrente não são suficientes para que o leitor consiga estabelecer distinções seguras no reconhecimento das especificidades de Dewey. Tem-se a impressão de que as diferenças entre os pragmatistas citados são irrelevantes.

Essa ressalva não ofusca a qualidade do livro. Um dos grandes objetivos, o de propor uma releitura do pragmatismo à luz dos textos de Dewey e de outros pensadores que se debruçaram sobre o mesmo tema, é plenamente alcançado. O autor trilha com segurança e desenvoltura a perspectiva de questionamento de leituras do pragmatismo que se transformaram em cânones, não perdendo de vista a tessitura de relações com problemáticas relevantes na nossa época. Essa operação intelectual é desafiadora, pois o diálogo com o passado a partir de teses em disputa no presente pode, por um lado, resultar em anacronismo ou, por outro, constituir uma operação histórico-pedagógica instigante. Foi este o caso de *Entre o indivíduo e a sociedade: um estudo da*

⁴ OUTHWAITE, William et al. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

filosofia da educação de John Dewey.

Texto recebido em 23 nov. 2003

Texto aprovado em 12 mar. 2004